

Globethics Repository

The logo for Globethics, featuring the word "Globethics" in white sans-serif font on a blue rectangular background.

Os comportamentos ligados à sexualidade são históricos [Behaviors linked to sexuality are historical]

This page was generated automatically upon download from the Globethics Repository. More information on Globethics see <https://www.globethics.net>. Data and content policy of Globethics Repository see <https://repository.globethics.net/pages/policy>.

Item Type	Article
Authors	Junges, Márcia
Publisher	Instituto Humanitas Unisinos - IHU
Rights	With permission of the license/copyright holder
Download date	2026-09-20 14:23:38
Link to Item	http://hdl.handle.net/20.500.12424/160548

“Os comportamentos ligados à sexualidade são históricos”

Na opinião da historiadora Tânia Navarro, Foucault promove uma desconstrução da imagem do corpo “essencializado em torno de um sexo definido por um binarismo incontornável”. Mesmo assim, tais representações permanecem

POR MÁRCIA JUNGES

De acordo com a historiadora Tânia Navarro, “Foucault desconstrói a imagem de um corpo essencializado em torno de um sexo e de uma sexualidade definidos por características próprias de um binarismo incontornável, fundado no sexo”. Entretanto, avalia a pesquisadora, “as representações sociais do binarismo sexuado estão longe de desaparecer!” Analisando a questão dos bodes expiatórios em relação aos “desviantes” da norma, Navarro destaca: “Todo ‘diferente’ da norma heterossexual, masculina, branca, pode, em certos momentos, tornar-se um bode expiatório para aplacar e canalizar a eclosão da violência social”. As afirmações podem ser conferidas na íntegra, na entrevista a seguir, concedida, por e-mail, à **IHU On-Line**, com exclusividade.

Graduada em História pela Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, Tânia Navarro é mestre em História da América Latina pela Universidade Paris X, Nanterre, na França. Coursou Doutorado na Universidade de Paris III, Sorbonne Nouvelle, em Sociedades Latino-Americanas. É pós-doutora pela Universidade de Montreal e pelo Instituto de Pesquisas e Estudos Feministas da Universidade de Quebec, Canadá. Atualmente, leciona na Universidade de Brasília (UnB), e é autora de *O que é o lesbianismo* (São Paulo: Brasiliense, 2000). É uma das organizadoras de *A construção dos corpos: perspectivas feministas* (Florianópolis: Editora das Mulheres, 2008), *Mulheres em ação: práticas discursivas, práticas políticas* (Florianópolis: Editora das Mulheres, 2005) e *Feminismos, teorias e perspectivas* (Brasília: UNB, 2000). Confira a entrevista.

IHU On-Line - Qual é o sentido em se falar de sexo feminino e masculino quando já se fala no transgênero?

Tânia Navarro - As representações sociais do binarismo sexuado estão longe de desaparecer! Na distribuição de papéis sociais, apesar das modificações engendradas pelos feminismos, as mulheres continuam a ter funções secundárias, salários menores, tarefas dobradas, prestígio social ligado principalmente a um “destino biológico”, o da maternidade. A heterossexualidade é a norma, e qualquer manifestação fora deste esquema é tratada como desviante, quando não como doença a ser curada.

Os transgêneros apresentam um aspecto paradoxal: por um lado, não quebram o esquema binário, ao contrário, vêm reforçar a representação do humano sexuado em opostos, reivindicando um status de mulher ou ho-

mem, contrário à definição de seu gênero definido pelo sexo biológico. Por outro lado, ao realizar performances, os transgêneros quebram esta imagem do gênero ligado à genitália, pois fica claro que a aparência externa não está necessariamente conjugada ao sexo biológico.

Desta forma, no imaginário social, a representação da dualidade sexuada gerada pelo sexo biológico fica de alguma forma desfeita, pois uma mulher deslumbrante ou um homem viril podem ter, biologicamente, uma definição contrária à sua aparência. Mas estas performances não são suficientes para transformar o sistema binário e hierárquico da heterossexualidade.

IHU On-Line - Podemos dizer que ainda existe uma moral sexual rígida, mesmo que ganhem força movimentos como o GLBT?

Tânia Navarro - Os comportamentos ligados à sexualidade são históricos, isto é, mutáveis e diversos de acordo com o espaço/tempo em que são contemplados. No sistema heterossexual, existe uma dupla moral, aquela jungida ao feminino, e a outra, liberal e com limites imprecisos, atrelada ao masculino. Às mulheres, a punição material ou o opróbrio social no desvio da norma; aos homens, a condescendência e uma aprovação implícita de derrogação desta última.

Na atualidade, existe uma hiperssexualização que transforma a sexualidade em eixo em torno do qual se desenvolvem as relações sociais. Em meu entender, o GLBT, sigla artificial que aglutina experiências diversas, tem como definidor práticas sexuais e, neste sentido, sua eclosão e visibilidade deve-se a esta profusão de sexualidades, deste clima de sexuali-

zação da vida. Como bem mostra Foucault¹, a homossexualidade se afirma e se torna visível na proliferação dos discursos sobre o sexo.

IHU On-Line - Antigamente, os loucos eram os bodes expiatórios da sociedade. Quem tomou seu lugar? Aqueles de sexualidade “desviante”?

Tânia Navarro - Os loucos, na perspectiva foucaultiana, como os homossexuais, são figuras históricas, datadas, que não se definem em si, mas em relação à historicidade na qual aparecem. Na descontinuidade, como afirma este autor, os bodes expiatórios aparecem

1 Michel Foucault (1926-1984): filósofo francês. Suas obras, desde a *História da Loucura* até a *História da sexualidade* (a qual não pôde completar devido a sua morte) situam-se dentro de uma filosofia do conhecimento. Suas teorias sobre o saber, o poder e o sujeito romperam com as concepções modernas destes termos, motivo pelo qual é considerado por certos autores, contrariando a sua própria opinião de si mesmo, um pós-moderno. Seus primeiros trabalhos (*História da Loucura*, *O Nascimento da Clínica*, *As Palavras e as Coisas*, *A Arqueologia do Saber*) seguem uma linha estruturalista, o que não impede que seja considerado geralmente como um pós-estruturalista devido a obras posteriores como *Vigiar e Punir* e *A História da Sexualidade*. Foucault trata principalmente do tema do poder, rompendo com as concepções clássicas deste termo. Para ele, o poder não pode ser localizado em uma instituição ou no Estado, o que tornaria impossível a “tomada de poder” proposta pelos marxistas. O poder não é considerado como algo que o indivíduo cede a um soberano (concepção contratual jurídico-política), mas sim como uma relação de forças. Ao ser relação, o poder está em todas as partes, uma pessoa está atravessada por relações de poder, não pode ser considerada independente delas. Para Foucault, o poder não somente reprime, mas também produz efeitos de verdade e saber, constituindo verdades, práticas e subjetividades. Em duas edições a *IHU On-Line* dedicou matéria de capa a Foucault: edição 119, de 18-10-2004, intitulada *Michael Foucault e as urgências da atualidade*. 20 anos depois, disponível para download em <http://migre.me/vMiS> e a edição 203, de 06-11-2006, disponível em <http://migre.me/vMj7> e intitulada *Michel Foucault, 80 anos*. Além disso, o IHU organizou, durante o ano de 2004, o evento *Ciclo de Estudos sobre Michel Foucault*, que também foi tema da edição número 13 dos *Cadernos IHU em Formação*, disponível para download em <http://migre.me/vMjd> sob o título *Michel Foucault. Sua contribuição para a educação, a política e a ética*. Confira, também, a entrevista com o filósofo José Ternes, concedida à *IHU On-Line* 325, sob o título *Foucault, a sociedade panóptica e o sujeito histórico*, disponível em <http://migre.me/zASO>. De 13 a 16 de setembro de 2010 acontece o XI Simpósio Internacional IHU: O (des)governo biopolítico da vida humana. Para maiores informações, acesse <http://migre.me/JyaH>. (Nota da IHU On-Line)

“Os transgêneros apresentam um aspecto paradoxal: por um lado, não quebram o esquema binário, ao contrário, vêm reforçar a representação do humano sexuado em opostos, reivindicando um status de mulher ou homem, contrário à definição de seu gênero definido pelo sexo biológico”

também historicamente, como uma alteridade absoluta ligada ao mal, à perversão, à desordem no social. Assim tivemos e ainda temos a perseguição e a violência contra as mulheres (por serem mulheres, o outro da referência masculina), os/as judeus/júdiás, o/a imigrante, o/a estrangeiro/a, os/as deformados/as, os/as aidéticos/as, os homossexuais (mulheres e homens). Todo “diferente” da norma heterossexual, masculina, branca, pode, em certos momentos, tornar-se um bode expiatório para aplacar e canalizar a eclosão da violência social.

IHU On-Line - Em que aspectos a filosofia de Foucault inspira um novo pensar sobre o corpo e a sexualidade?

Tânia Navarro - Foucault desconstrói a imagem de um corpo essencializado em torno de um sexo e de uma sexualidade definidas por características próprias de um binarismo incontornável, fundado no sexo. Sua *História de sexualidade* (12ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1997), publicada nos anos 1970, mostra a construção histórica desta sexualida-

de que passou a ser o centro, o eixo e a essência do humano. Nicole Claude Mathieu², feminista francesa, nos anos 1980, propõe a análise da “produção da diferença dos sexos” e, neste sentido, funde-se à perspectiva foucaultiana, pensando a construção social e histórica das definições corpóreas e das sexualidades. Mais recentemente, Judith Butler³ afirma a construção do sexo biológico pelas práticas de gênero, ou seja, a partilha e os limites das “diferenças de sexo” estabelecidas no social.

IHU On-Line - Nesse sentido, poderia apontar algumas apropriações que já aconteceram da obra foucaultiana para se repensar a sexualidade e suas ligações com o poder?

Tânia Navarro - Foram muitas, em diferentes disciplinas, das ciências ditas exatas às sociais e humanas. Interessame apontar aqui não exatamente apropriações ou influências, contrárias ao pensamento de Foucault, pois este se atém às problemáticas de cada momento, com sua noção de descontinuidade.

Neste sentido e enquanto feminista, as reflexões de Monique Wittig⁴, Adrienne Rich⁵, nos anos 1980, e de Catherine Vidal⁶, assim como Emily Martin⁷, na atualidade, parecem-me

2 Nicole-Claude Mathieu: antropóloga francesa, conhecida por seus trabalhos sobre gênero. (Nota da IHU On-Line)

3 Judith Butler: filósofa americana pós-estruturalista, que tem contribuído há muitos anos para os estudos do feminismo, da teoria queer, da filosofia política e da ética. É professora no Departamento de Retórica e Literatura Comparativa da Universidade da Califórnia, em Berkeley. Butler concedeu entrevista exclusiva à edição 199 da *IHU On-Line*, de 09-10-2006, disponível para download em <http://migre.me/SMSL> e intitulada *O gênero é uma instituição social mutável e histórica*. (Nota da IHU On-Line)

4 Monique Wittig (1935-2003): escritora e teórica do feminismo francesa particularmente interessada em superar a noção de gênero e o contrato heterossexual. Publicou seu primeiro romance, *L'opoponax*, em 1964. Seu segundo romance, *Les Guérillères* (1969), foi considerado um marco no feminismo lésbico. (Nota da IHU On-Line)

5 Adrienne Rich (1929): feminista, poeta, professora e escritora estadunidense. (Nota da IHU On-Line)

6 Catherine Vidal: neurobióloga, cientista do CNRS da França. (Nota da IHU On-Line)

7 Emily Martin (1944): antropóloga e feminista, professora da Universidade de Nova Iorque. (Nota da IHU On-Line)

contundentes. Sem esquecer que, no fim dos anos 1940, Simone de Beauvoir⁸ perguntava “o que é uma mulher?”, iniciando o questionamento sobre o sexo social, ou seja, sobre a injunção das formas corporais na partilha do poder nas relações humanas. Assim como Foucault, associam o exercício do poder aos discursos sobre o corpo e a sexualidade, que estabelecem hierarquias no campo social, com a ênfase dada ao masculino.

Monique Wittig, feminista francesa, e Adrienne Rich, americana, desenvolvem noções que instalam o poder masculino nas definições corpóreas e nas práticas sexuais. Para Wittig, a heterossexualidade, que chama de “pensée straight” é um sistema que funda o poder masculino no social, estabelecendo, nos corpos femininos, os limites de sua importância social. Papel secundário, e destino: a procriação. Rich denomina este sistema de “heterossexualidade compulsória”, na medida em que as representações sociais e as normas comportamentais instituem um feminino já pré-definido por sua função materna, dele retirando as “características masculinas” da criação, invenção, raciocínio lógico, transcendência, transformação.

Emily Martin analisa os discursos médicos e representacionais sobre o feminino e suas funções corpóreas, sempre ligados à produção do humano, à menstruação como falha de uma possível gravidez, à menopausa como a exclusão das mulheres que não se encontrariam mais no mercado do sexo e da procriação.

Catherine Vidal, cientista do CNRS da França, desmistifica a biologização das características sexuais, trabalhando a fisiologia cerebral e a “diferença dos sexos”. De fato, estas análises convergem e remetem, com Foucault, o exercício do poder às delimitações se-

⁸ Simone de Beauvoir (1908-1986): escritora, filósofa existencialista e feminista francesa. Ligou-se pessoal e intelectualmente ao filósofo francês Jean-Paul Sartre. Entre seus ensaios críticos cabe destacar *O Segundo Sexo* (1949), uma profunda análise sobre o papel das mulheres na sociedade; *A velhice* (1970), sobre o processo de envelhecimento, onde teceu críticas apaixonadas sobre a atitude da sociedade para com os anciãos; e *A cerimônia do adeus* (1981), onde evocou a figura de seu companheiro de tantos anos, Sartre. (Nota da IHU On-Line)

**“Não é de se espantar
que religiosos e seus
asseclas lutem pela
criminalização do aborto,
pois a liberdade de
escolher entre ter filhos,
ou não, é uma desordem
no sistema da
heterossexualidade
compulsória, que
estabelece papéis bem
definidos: para as
mulheres, a procriação e
o cuidado dos filhos; para
os homens, todo
o resto”**

xuais, criadas pelo social, construídas em hierarquias e em “verdades”, afirmadas pelos discursos de poder masculino, desde a ciência até a religião.

IHU On-Line - Como podemos compreender os impactos da pílula anti-concepcional na liberação sexual das mulheres e, por outro lado, no jugo a que são submetidas sua libido e sua autonomia sobre o corpo em função dos efeitos colaterais desse medicamento?

Tânia Navarro - A pílula não foi apenas uma liberação sexual, foi uma liberação simbólica e material do corpo das mulheres obrigado à procriação, pelas injunções dos homens e de Deus (criado à sua imagem e semelhança). A contracepção é “um negócio de mulheres”, se não querem ter filhos, devem sofrer as consequências da obrigação quotidiana, dos efeitos colaterais. Entretanto, é uma liberação, pois, até pouco tempo atrás, a contra-

cepção também era crime. Não é de se espantar que religiosos e seus asseclas lutem pela criminalização do aborto, pois a liberdade de escolher entre ter filhos, ou não, é uma desordem no sistema da heterossexualidade compulsória, que estabelece papéis bem definidos: para as mulheres, a procriação e o cuidado dos filhos; para os homens, todo o resto.

De toda forma, a liberação da pílula trouxe às mulheres uma sexualidade calcada sobre a dos homens: o orgasmo tópico, a performance, a quantidade de parceiros e não a qualidade da relação e a exploração do corpo e do prazer. E isto apenas para aquelas que escaparem à sexualidade como injunção masculina, na violência doméstica, na prostituição, na submissão às normas religiosas de predominância e “necessidade” masculinas. Sem falar, em termos mundiais, da sujeição, venda e tráfico de meninas e mulheres, dos casamentos arranjados de crianças com velhos, das mutilações sexuais, todas práticas de poder do masculino sobre o feminino, fundamento das relações sociais, sistema, como apontam as feministas, de exercício do patriarcado.

LEIA MAIS...

A revista IHU On-Line já publicou outras edições sobre Michel Foucault e a respeito de temáticas ligadas à sexualidade:

- * *Michel Foucault. 80 anos*, número 203, de 06-11-2006, disponível em <http://migre.me/SOCf>;
- * *Michel Foucault e as urgências da atualidade*. 20 anos depois, número 119, de 18-10-2004, disponível em <http://migre.me/SODd>;
- * *Pornografia. Um debate*, número 173, de 27-03-2006, disponível em <http://migre.me/SOg1>;
- * *Os desafios da diversidade sexual*, número 199, de 09-10-2006, disponível em <http://migre.me/SOhc>;
- * *Uma sociedade de mulheres?*, número 210, de 05-03-2007, disponível em <http://migre.me/SOhY>;
- * *Frida Kahlo - 1907-2007. Um olhar de teólogas e teólogos*, número 227, de 09-07-2007, disponível em <http://migre.me/SOjn>;
- * *Mulheres e a sociedade contemporânea. Conquistas e desafios*, número 249, de 03-03-2008, disponível em <http://migre.me/SOKB>;
- * *União homoafetiva. A luta pela cidadania civil e religiosa*, número 253, de 07-04-2008, disponível em <http://migre.me/SOLA>;
- * *A pílula. 50 anos depois*, número 332, de 07-06-2010, disponível em <http://migre.me/SOnc>.